

ORGANIZADORAS
Nathália dos Santos Silva
Frederico Viana Machado
Handerson Joseph
Vi Grunvald

Série Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde

IMAGINAÇÃO político-viral: os primeiros meses da pandemia

1ª Edição
Porto Alegre
2023



Imaginação político-viral: os primeiros meses da pandemia/ Organizadores: Nathália dos Santos Silva; Frederico Viana Machado; Handerson Joseph e Vi Grunvald – 1. ed. -- Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2023.

249 p. (Série Arte Popular, Cultura e Poesia, v. 8. Subsérie Literatura e Saúde Pública, v.3).
E-book: 16.00 Mb; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5462-044-4

DOI: 10.18310/9786554620444

1.Literatura. 2. COVID-19. 3. Pandemia. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

NLM WZ 350

CDU 614:82

Catalogação elaborada pela bibliotecária Alana Santos de Souza - CRB 10/2738

Todos os direitos desta edição reservados à Associação Rede UNIDA
Rua São Manoel, nº 498 - CEP 90620-110, Porto Alegre – RS. Fone: (51) 3391-1252

www.redeunida.org.br





INTRODUÇÃO

IMAGINAÇÃO POLÍTICO VIRAL NOS PRIMEIROS MESES DA PANDEMIA

Frederico Viana Machado¹
Nathália dos Santos Silva²
Handerson Joseph³
Vi Grunvald⁴

No mês de março de 2020, quando o Brasil começou a implementar medidas de enfrentamento ao novo coronavírus, dentre elas o isolamento social, um estado profundo de perplexidade tomou conta da população. Na universidade não foi diferente. Subitamente fomos impedidos de ministrar aulas e fazer pesquisas de campo. Isto passaria por adaptações ao modo online, mas naquele momento, se tornou urgente a necessidade de compreendermos mais profundamente a situação social e as transformações que estávamos vivendo. A crise nos afetou, e segue afetando, em nossos corpos e campos de atuação, mas as implicações desta pandemia foram vividas de forma muito desigual e diversa.

Como uma forma de responder a esse contexto, criamos o site AntropoLÓGICAS Epidêmicas no dia 27 março de 2020, com o objetivo de difundir as produções acadêmicas e não acadêmicas sobre as urgências sociais e sanitárias provocadas pela pandemia de Covid-19. Neste contexto, algumas questões motivaram nosso projeto: durante os primeiros meses da emergência em saúde pública, que reflexões foram produzidas sobre a origem, os impactos e os desdobramentos da pandemia? Como o Covid-19 foi conhecido, pensado e sentido? O que foi relatado? Que perguntas fizemos, a quem e de que maneiras?

1 Doutor em Psicologia pela UFMG e Professor do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS

2 Mestre em Comunicação Social na UFRGS e doutoranda em Antropologia Social na UFRGS

3 Doutor em Antropologia Social pela UFRJ e Professor do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS

4 Doutora em Antropologia Social pela USP e Professora do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS

Em que medida o diálogo entre as áreas da saúde e das ciências sociais podem nos auxiliar na compreensão das múltiplas escalas da pandemia? Que discursividades foram abertas pela crise do novo coronavírus, quando o cotidiano, o trabalho, as relações pessoais e sociais, as formas de comunicação e mobilidade, os valores individuais e coletivos, as noções de soberania, de verdade, isto é, tudo, de alguma maneira, passou a ser contaminado pela Covid-19?

Além disso, a pandemia veio acompanhada da chamada “infodemia”: o intenso e conflitante fluxo de informações sobre a pandemia, desde notícias jornalísticas, análises e comentários especializados e não especializados a mensagens encaminhadas pelas redes sociais, principalmente pelo WhatsApp, pelo Facebook e pelo Twitter, pronunciamentos de autoridades públicas, *lives*, pesquisas científicas e outros materiais de divulgação. Nesse contexto, nosso esforço editorial também buscou situar o debate qualificado sobre o tema.

Assim, o projeto buscou registrar, analisar, interpretar e incentivar essa imaginação (auto)etnográfica, sociológica e política sobre a pandemia de Covid-19, promovendo a difusão em ciência e tecnologia situado na interface entre os campos da Saúde Coletiva e das Ciências Sociais, elaborado por um grupo de professores e estudantes de pós-graduação ligados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e à Universidade de São Paulo (USP). Nasceu da percepção de que muitas pessoas estavam escrevendo diferentes tipos de relatos, análises e testemunhos sobre o que estão vivendo e pensando com a crise mundial instaurada pelo novo coronavírus. Desde então, passou a reunir reflexões, análises, relatos, ensaios e experimentos multimídia que abordaram a situação política, econômica, social e epidemiológica ligada à crise do coronavírus em suas múltiplas configurações.

O projeto antropoLÓGICAS EPIDÊMICAS reuniu uma pequena amostra de fragmentos de uma imaginação (auto)etnográfica, sociológica e política sobre a pandemia durante seus primeiros meses, a partir de corpos e contextos singulares. A iniciativa reflete a expectativa de uma ciência social articulada não só para além muros, mas também atenta às novas discursividades e formas de expressão abertas pela Covid-19. O antropoLÓGICAS EPIDÊMICAS apostou no estabelecimento de pontes entre a universidade e a pluralidade das formas de se produzir conhecimento presentes na sociedade, articulando atores, a escrita criativa, a expressão artística e o pensamento transdisciplinar.

Através do trabalho coletivo e da coordenação horizontal entre alunos e professores, a equipe editorial realizou convites diretos à publicação, produziu entrevistas, divulgou chamadas de trabalhos e recebeu, avaliou e publicou, em fluxo contínuo, uma série de contribuições originais e traduções inéditas, além de ter republicado e compilado materiais produzidos por instituições parceiras ou disponíveis ao acesso público. A proposta editorial fomentou a produção de textos acadêmicos, teóricos e analíticos, mas também entrevistas, relatos pessoais, literários, experimentações com diversas modalidades de registro etnográfico (textuais, visuais, sonoras), tendo publicado autoetnografias, contos, poemas, diários, produções seriadas, ensaios fotográficos, ensaios multimídia (que mesclam foto, vídeo, áudio e texto) e outros materiais produzidos no Brasil e em outros países.

O projeto esteve voltado para a sociedade em geral e atraiu profissionais de saúde, estudantes e comunidade universitária, cientistas sociais e pesquisadoras, bem como artistas interessadas na proposta. A versatilidade, celeridade e flexibilidade do formato blog permitiu um processo editorial dinâmico e criativo, mas sem abrir mão de critérios acadêmicos mínimos de revisão. Embora a avaliação do material não tenha sido rigorosa e sistemática como ocorre nos periódicos científicos, a comissão editorial revisou as publicações, incentivando o aprimoramento dos trabalhos, mas de forma sensível à urgência que os debates em curso necessitavam.

Passada a perplexidade dos meses iniciais, notamos que diversos periódicos começaram a organizar dossiês sobre o tema e vários canais de comunicação foram sendo criados para dar vazão à informação produzida sobre a pandemia. Além disso, se no começo as reflexões precisavam de um fluxo rápido de circulação para ideias exploratórias e debates em construção, aos poucos notamos o amadurecimento destas produções. Interrompemos as publicações no final de outubro de 2020, compreendendo que o projeto havia cumprido sua missão. O acervo produzido segue disponível e tem sido amplamente acessado, contando atualmente com cerca de 1000 acessos por mês, com leitores das mais variadas regiões do Brasil e com acessos de outros países. Algumas publicações já ultrapassaram a marca dos 5000 acessos.

Muitos dos trabalhos que publicamos foram aprimorados pelos autores e publicados em periódicos e livros com uma proposta mais acadêmica, o que

reduz a relevância das versões de trabalhos de teor acadêmico publicados no site. Entretanto, notamos que os trabalhos multimídia, artísticos e alternativos ficaram isolados no blog, na medida em que deixou de ser atualizado e seu acesso reduziu. Isto despertou o desejo de organizar este livro com obras selecionadas. Revisitar estes trabalhos permite captar os sentimentos e percepções que os meses iniciais da pandemia produziram.

Os trabalhos selecionados para este livro foram publicados em uma seção do projeto intitulada *IMAGINAÇÃO político-viral*, destinada a acolher exatamente os trabalhos que não se enquadram nos moldes e formatos mais habituais da produção acadêmica. Nesta seção, foram publicadas mais de cinquenta postagens inéditas, entre abril e agosto de 2020. Que mundos possíveis, ao mesmo tempo imaginários e reais, são presentificados pelo que atravessamos? Se sonhos e imaginação são parte fundamental da realidade, quais cenários e ideias são projetadas em um momento cuja força se imprime em todos os aspectos de nossa vida? Esta seção está inspirada nessas indagações, atenta a tudo que também foi contaminado pelo Covid-19 - nossas rotinas, pensamentos, sensações - e se destina aos experimentos textuais, sonoros e audiovisuais do que chamamos “imaginação político-viral”.

A ideia de “imaginações político-virais” diz respeito a um mundo por vir e, ao mesmo tempo, às maneiras de experimentar e compor o presente. Berger (1999) nos mostra como o olhar expressa, antes que a palavra, as desigualdades e contingências do mundo; Deleuze & Guattari ressaltam a dimensão ontológica na noção de política, na medida em que a definição da realidade se faz de forma conflituosa. Talvez a frase que melhor ilustra este ponto seja a de abertura do livro *Mil Platôs*: “Antes do ser, há a política”(DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 78). O “político” aqui imaginado diz respeito a essa dimensão ontológica, que define as possibilidades de ser e existir no mundo. A política, por sua vez, são fagulhas que podem viralizar incendiando novos modos de subjetivação e de pensar o passado, o presente e o futuro alargando as possibilidades de ser.

Este exercício imaginativo se mostrou oportuno em um momento no qual, entre medos e incertezas, faltavam referências para a interpretação dos fenômenos em curso. Para a composição deste livro, selecionamos os trabalhos que mais se destacaram pela criatividade e relevância estética, na perspectiva da equipe editorial, e em seguida convidamos as autoras para enviarem seus textos

adaptados ao formato de um livro virtual e, caso desejassem, escrevessem um pequeno *pós scriptum* sobre o próprio texto.

Optamos por separar por tema e não por formato/discursividade. No blog, a experiência de leitura é cronológica, entre março de 2020 e maio de 2021, e/ou por seção. Aqui, no entanto, textos e momentos distintos são aproximados, ressoam um no outro, se contrapõem e compõem juntos uma paisagem de discursividades e narrativas manifestas em torno de temas e objetos de reflexão particulares. Optamos, portanto, por uma apresentação temática dos textos. Nesse sentido, aproximamos relatos de trabalhadores da saúde daqueles sobre o trabalho de maternagem, aproximamos a imagem de um caderno sendo lavado com água e sabão de uma série de cartas escritas e trocadas. Empréstimo uns aos outros os seus sentidos, esses trabalhos estão reunidos em torno de um mesmo tema não para esgotá-lo mas sim para ampliá-lo, colocá-lo em perspectiva, deslocá-lo diante de outras chaves de leitura, de outras imagens e experiências. Entre poemas, colagens, diários, crônicas, fotografias, vídeos, descrições sonoras ou entrevistas, convivem formas distintas de enunciação e multiplicam-se os sentidos.

Os trabalhos foram divididos em **quatro seções temáticas** que organizam o livro. As duas primeiras nos convidam a descer ao ordinário (para tomar emprestada a expressão de Veena Das). Mergulhamos no cotidiano, nas sensações mais imediatas, nas dores e no tempo dos dias em sucessão, na sobrecarga e na desaceleração, através de textos, áudios, fotografias e vídeos que nos convidam a recordar ou descobrir, com detalhe, como o isolamento social foi imaginado, sentido e vivido em situações particulares.

Na **primeira seção**, intitulada “Isolamento social, trabalho, medo, cansaço”, registros do cotidiano nos levam ao tema do trabalho. De atividades ditas “essenciais” às “não essenciais”, das práticas de cuidado remuneradas às não remuneradas, narrativas sobre trabalho em tempos de isolamento social ganham o tom de relatos sobre saudade, medo, cuidado, cansaço. Aqui, o essencial é colocado em perspectiva.

No texto de **Raquel Guilherme de Lima**, um ciclo laboral se encerra em meio à pandemia. O pasteleiro se vê em casa no dia em que completa 50 anos de carteira assinada pela mesma firma, quando “apenas queria realizar [...] a sua rotina”. Nesta história essencial sobre o fim de um trabalho, o pasteleiro “desconfia

que não é só a pandemia a limitar a sua glória”, sua biografia nos coloca diante das marcas de um capitalismo “flexível, veloz e feroz”. Nesse sistema, estratégias como o *lockdown* só podem funcionar por serem excludentes. Hermínio trabalha na área de logística e não pôde cumprir o isolamento social. É pai de **Felipe Figueiredo**, autor do vídeo que traduz uma das sensações incômodas e dolorosas que a pandemia nos apresentou: a vontade de dar um abraço e não poder, o medo de contaminar quem amamos, a saudade.

O medo de levar o vírus para dentro de casa foi vivido intensamente também por profissionais de saúde, desde a rotina de trabalho até seus sonhos, durante o tempo de descanso cronometrado. No sonho descrito por **Débora Rocha Carvalho**, a sensação de enclausuramento e medo do mundo lá fora manifesta o quão profundamente a Covid-19 contaminou nossa experiência - um sonho tão comum quanto particular. Além dos sonhos, a variedade de experiências de isolamento social foi observada por terapeutas e psicólogas desde seus consultórios. Nesse contexto, **Itala Daniela** reflete sobre o trabalho de cuidado terapêutico em tempos de pandemia e a implementação das consultas online. Em tempos de clausura, a privacidade foi mais invadida, tornando visível mais uma camada de complexidade e desigualdade de condições de acesso a este tipo de cuidado.

Na clausura da casa, o cuidado segue através da maternagem. Entre uma demanda e outra, **Rosamaria Carneiro** nos deixa um bilhete sobre o doméstico, sobre um trabalho não remunerado que agora veio à tona, à superfície, à visibilidade, mas sempre esteve lá; um trabalho que, durante a pandemia, ganhou status de trabalho e uma “autorização coletiva” para se falar a respeito. Falar, é claro, quando dá: não estamos todos sobrecarregados da mesma maneira, afinal. Entre o público e o privado, o tema segue no “diário de uma mãe em isolamento com três filhos”, de **Elaine Muller**. Aqui, através de texto, fotografias e áudios, acompanhamos uma rotina doméstica “virada do avesso” em reuniões online e salas de trabalho, e terminamos achando graça dos “amigos homens falando do cansaço com o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos”. A pergunta é “como ficará esse privado” quando “o público voltar a alguma normalidade”?

Na esteira dessas experiências, um relato sobre a modificação de rotinas é oferecido por **Eliane Regina Pereira**, em texto sobre o fechamento das escolas e as dificuldades para implementação das aulas online. A Educação em geral e as propostas

de ensino-aprendizagem e currículos escolares em particular são discutidos por **Thiago Luz** em tempos de pandemia, refletindo a necessidade de planejar eticamente a reestruturação do ensino online assim como os retornos ao presencial.

Enquanto nada disso acontecia, nos habituamos aos exercícios de futurologia, algo que **Daniel Albinati** já não arriscava mais fazer. Encerrando esta seção, sua entrevista mergulha no *lockdown* vivido na Espanha, passando por temas como trabalho e desemprego, isolamento social e impacto estético da pandemia no cenário musical, Bolsonaro e algumas ideias sobre “quando tudo voltar ao normal”.

Na **segunda seção**, que toma por título um dos slogans da pandemia - “Se puder, fique em casa” - a *casa* e o *corpo* emergem como espaços privilegiados de narrativa e experimentação de um cotidiano em quarentena. Em “escala diminuta”, ganham visibilidade os “pequenos trajetos” do quarto ao banheiro, da casa ao mercado, as janelas para fora e para dentro, o olhar para si, para o corpo, o corpo-casa-mundo, a confusão de céu com assoalho, do cedo e do tarde, da chuva, do choro e do gotejar da torneira do banheiro, a contagem do “dia mais de vida diante da morte”, o entrar e sair da pandemia, “desacelerar”.

Trajetos, rotinas e macetes cotidianos de uma “vida de apartamento” são tema do experimento etnográfico sonoro de **Rafael F. A. Bezzon**. Nesta descrição diária de “escala diminuta”, sons, barulhos, cantos e silêncios ressoam e traduzem uma forma de habitar peculiar. Pensar a relação com os espaços que habitamos provoca um novo ajuste de escala quando a pergunta de investigação passa por “conectar-se aos tremores do mundo” - o que acompanhamos numa reflexão posterior pós-escrita. Em seguida, do outro lado do mundo, espiamos uma pandemia na Índia entre janelas, portas e outras brechas capturadas nas fotografias da turma de estudantes do professor **Marcelo Schellini**, do Departamento de Múltiplos e de Desenho Industrial da Vellore Institute of Technology. “#indian.quarantine.tales” é um experimento fotográfico que resultou do estímulo à produção de documentação histórica, pessoal e poética acerca da experiência de isolamento social.

Seguindo os “pequenos trajetos” da pandemia, o conto de **Angícia Mourão** nos reconduz, passo a passo, aos tempos de distanciamento, álcool em gel e aquela sensação brutal e generalizada de “viver uma ficção científica”. No poema-sobre-

imagem, de **Aline Ribeiro Nascimento**, essas novas regras de convivência e etiqueta nos levam a reduzir novamente a escala de descrição, agora para o nível do corpo, para o “governo de si em tempos pandêmicos”. Na cadência do encontro entre imagem e palavra escrita, em seu “Quarentena contra-anthropological blues”, **Suiá Omim** apresenta uma colagem-poesia sobre as cláusulas e saídas dos seus primeiros quarenta dias da pandemia de Covid-19, acompanhada de nada menos que Haraway, Butler, Latour, Krenak, Kopenawa, Rolnik, Davis, entre outros pensamentos.

Nos “diários na pandemia”, de **Tátia Rangel**, encontramos pensamentos e sensações vividas em quarentena, relatos íntimos de dias que sucederam “sem garantias” nem reescrita. Encerrando esta seção, a entrevista com **May East** reflete sobre entrar e sair da pandemia, sobre quarentena, desaceleramento e o que chama “simplexidade” - uma oportunidade, uma atitude trazida pela situação limite em que nos encontramos.

Na **terceira seção**, o “presente excessivo, excepcional”, “inominável” da Covid-19 é narrado e colocado em perspectiva diante de outros tempos, epidemias, corpos e biografias. A seção é aberta com o vídeo-poema “Passando a Limpo”, de **Anderson Almeida**, que nos sensibiliza para a reflexão colocando em primeiro plano um dos gestos mais marcados por esta pandemia, qual seja, lavar objetos com água e sabão - nesse caso, lavar um caderno de memórias, poemas, citações, desabafos, quase como em um sonho.

Uma reflexão sobre tempo, futuro, presente, corpo e afetos é apresentada em “O presente inominável”, trabalho de **Aline Ribeiro Nascimento**, que reúne texto escrito acompanhado de montagem fotográfica e pós-escrito em áudio. Na sequência, são os medos, imaginações e memórias de criança sobre doenças e o “outro” estigmatizado que aparecem nas “reflexões autobiográficas” sobre “contágio”, de **Camila Cristina Bortolozzo Ximenes de Souza**.

Outros tempos, corpos e epidemias são também tema da série de cartas trocadas por **Adriano Henrique Caetano**, **André Luis Leite**, **Mathew Rodrigues** e **Guilherme Shimocomaqui**, que registra conversas entre Estados Unidos, Brasil e as pandemias de HIV/AIDS e Covid-19. Nesse diálogo “sobre o passado daqui para o futuro de lá”, ganha ênfase a luta pelo reconhecimento dos direitos civis de LGBTQI+, o acesso à saúde e as moralidades suscitadas pela pandemia.

Por fim, a seção é concluída - e reaberta - pela entrevista com o artista **Wagner Schwartz**, onde o presente aparece como passível de ser vivido sem um significado instantâneo e *a priori*. Aqui, o leitor transita por comentários sobre o conservadorismo de direita, o papel da arte no contexto político do Brasil e o impacto sofrido com a pandemia até aquele momento.

A **quarta e última seção**, intitulada “vírus, mundos, mortes, lutos: dos totalitarismos às fabulações sobre o fim do capitalismo”, reúne trabalhos sensíveis às dores trazidas pela pandemia - as ausências, as perdas, os números, o negacionismo - mas também às sobre-vivências, à fabulação e à reinvenção. No texto “o choro sem lágrimas”, **Vitor Rocha de Araújo** registra sensações complexas e dolorosas em um exercício de compreensão do que vivíamos naquele ano. O “pós resguardo/ massacre” é objeto de fabulação no trabalho de **José Miguel Nieto Olivar**, que se coloca diante do exercício imaginativo conduzido pela quarentena: saúde, negacionismo necropolítico, números. Quando a morte massiva é uma novidade? Para quem? A pandemia tornou as desigualdades sociais mais marcadas e visíveis. Esse tema é abordado por **Aline Ribeiro Nascimento** em mais um texto-áudio-imagem que documenta o olhar de uma criança em isolamento pela janela e a percepção de tais desigualdades.

No poema intitulado “In-versus”, **Anny Mota do Livramento** enfoca suas impressões sobre o isolamento social, as maneiras de “com-viver” e as “sobre-vivências a-versos” diante dos lutos forjados pela pandemia. Na sequência, e não por acaso, **Gabriel Torelly Fraga Corrêa da Cunha** deixa ver a política catastrófica de Bolsonaro, “camaleão” de “inesperadas virtudes”, em um texto carregado de ironia. Em seguida, **Herik Rafael de Oliveira** persegue a hipótese de que é o próprio pensamento que foi colocado em quarentena. As consequências são distintas quando a quarentena atua como “medida política” ou como “mandamento”. Já no vídeo “embalos pandêmicos de um sábado à noite”, **Tulíola Almeida de Souza Lima** faz uma chamada de casa, onde apresenta reflexões epistemológicas sobre vírus, desastres ambientais e o abandono da lógica mercantilista, lembrando autoras como Maristella Svampa e Naomi Klein. Na esteira das questões levantadas por ela, **Marcela de Andrade Gomes** questiona se o capitalismo teria levado um “golpe traumático”: se, por um lado, a “necropolítica inerente ao capitalismo” foi escancarada com a pandemia de Covid-19, por outro, que transformações

poderão emergir da experiência mortífera do coronavírus? A reflexão se prolonga em mais uma poesia falada de **Aline Ribeiro Nascimento**, intitulada “O vírus é um universo”, que explora mais algumas ideias sobre reinvenção: “o vírus coloca um ponto de corte entre o que fomos e o que podemos vir a ser”. No vídeo-poema “Trabalhar o Substantivo”, **Nathalia Silveira Rech** evoca a concretude tão relativa dos objetos que, substantivados durante o silêncio do isolamento social, precisam ser “trabalhados por dentro”. Em continuidade, a entrevista com **Johann Heys** explicita como “precisamos nos reinventar como espécie ou seremos extintos”, encerrando essa seção com uma conversa sobre esoterismo, ciência, negacionismo e a insustentabilidade das metrópoles: “a natureza não precisa de nós, é o contrário”.

Este livro é apresentado pelos prefácios de Wagner Schwartz e Vitor Queiroz e encerrado pelo posfácio de Ricardo Burg Ceccim, que contribuem com reflexões político-virais que jogam luz sobre os sentidos de um trabalho como o que aqui apresentamos. Agradecemos enormemente a todas que enviaram textos, acompanharam nosso trabalho no blog e também para aquelas que aceitaram o convite para participar deste livro. Agradecemos também algumas parcerias foram fundamentais para este projeto: o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UFRGS, o Programa de Pós-Graduação e o Bacharelado em Saúde Coletiva da UFRGS, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), o Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e a Associação Brasileira de Psicologia Política (ABPP). Agradecemos especialmente à Editora da Rede Unida, que acreditou nesta proposta e proporcionou todas as condições para que um livro fora dos padrões e de difícil editoração pudesse ser realizado.

Neste mundo fora de equilíbrio e bastante acelerado, foi bastante prazeroso acolher e incentivar a liberdade de criação em meio às novas experimentações do tempo. Esperamos que a publicação destes trabalhos contribua não apenas com memórias afetivas que expressam um momento coletivo marcante, mas sobretudo que enseje mais exercícios de liberdade e imaginação que ensaiem a construção de um mundo mais justo e alegre.

Fevereiro de 2023

Referências

BERGER, J. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco. 1999.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.